



Filósofo em Meditação, Rembrandt, 1632¹

¹ O original deste óleo sobre tela atribuído a Rembrandt encontra-se no Museu do Louvre.

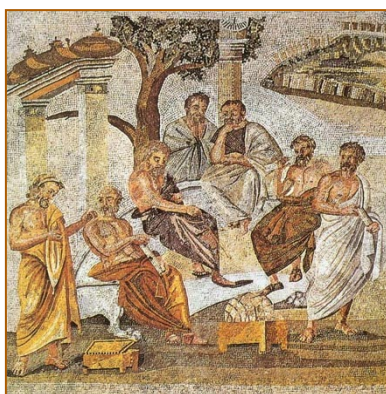
² XXVIII – Examina agora a questão da seguinte maneira: enquanto se mantêm juntos o corpo e a alma, impõe a natureza a um deles obedecer e servir e ao outro comandar e dominar. Sob esse aspecto, qual deles se assemelha ao divino e qual ao mortal? Não te parece que o divino é naturalmente feito para comandar e dirigir, e o mortal para obedecer e servir?

Acho que sim.

E com qual deles a alma se parece?

Evidentemente, Sócrates, a alma assemelha-se ao divino, e o corpo ao mortal.

Platão, *Fédon*³



Academia de Platão, mosaico de Pompeia

Muitas culturas têm reconhecido a existência de um princípio incorpóreo da vida humana a que corresponderia aquilo que, geralmente, designamos como Alma. Algumas têm até atribuído almas a todos os seres vivos. Há provas de que, já os povos pré-históricos, acreditavam em algo distinto do corpo e que nele habitava. Contudo, apesar dessa

² Maria Laura Bettencourt Pires é Professora Catedrática e Directora da revista electrónica *Gaudium Sciendi* da Sociedade Científica da Universidade Católica. Entre as suas actividades destacam-se: a docência e a coordenação (cursos de Mestrado e Doutoramento; Secção das Ciências Sociais da Sociedade Científica da UCP e Projectos de Investigação do CECC). Ensinou também nas Universidades Nova e Aberta e, nos EUA, Georgetown, Brown e Fairfield. Publicou: *As Humanidades e as Ciências – Dois Modos de Ver o Mundo* (Co-editora, 2013); *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship* (Co-editora, 2011); *Intelectuais Públicas Portuguesas - As Musas Inquietantes* (2010), *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação* (2007), *Teorias da Cultura* (³2011, ²2006, ¹2004), *Ensaio-Notas e Reflexões* (2000), *Sociedade e Cultura Norte-Americanas* (1996), *William Beckford e Portugal* (1987), *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1982), *Portugal Visto pelos Ingleses* (1980), *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979), além de editoriais, prefácios, ensaios e artigos em volumes de homenagem, revistas e enciclopédias.

³ *Fédon*, Lisboa: Areal, 2006. Tradução portuguesa do diálogo *Phaedo* de Platão.

crença, existente ao longo do tempo e difundida em todo o mundo, de que havia uma alma, as diversas religiões e filosofias vieram a desenvolver uma grande variedade de teorias quanto à sua natureza, origem, relação com o corpo e mortalidade.

De uma perspectiva religiosa e filosófica, o aspecto imaterial ou a essência de um ser humano, a característica que lhe confere individualidade, é muitas vezes considerado como sendo sinónimo de mente ou carácter. Em teologia, a alma é definida como a parte que participa da divindade e é frequentemente afirmado que sobrevive ao corpo. Porém, a Alma sempre foi motivo de controvérsia entre as diferentes denominações religiosas, mesmo porque nunca foi totalmente compreendida, explicada ou observada.

Antes que o homem concluísse que havia a possibilidade de uma alma estar em evolução em conjunto com a mente e cuja paternidade era um espírito divino, julgou-se que ela residia em diferentes órgãos físicos – nos olhos, no fígado, nos rins, no coração e, posteriormente, no cérebro. Os selvagens associavam a alma ao sangue, à respiração, às sombras e aos seus próprios reflexos na água. Chegou, porém, uma altura na história da humanidade em que o Homem começou verdadeiramente a assumir a existência de uma alma.

Enquanto a civilização grega antiga tinha do Homem uma perspectiva preponderantemente dualista, a cultura bíblica sempre sustentou uma visão unitária do ser humano. Este não é considerado como um composto de elementos antagónicos, corpo e alma, mas sim uma criatura viva, unitária, inserida numa história onde realiza o projecto de Deus. Contudo, o sujeito unificado, integral e transcendente, ligado à ideia religiosa tradicional de uma alma imortal, tornou-se obsoleto e a filosofia e a literatura desde o tempo da mitologia grega que dão testemunhos dessa fragmentação da identidade. Esta noção de desdobramento tem dado origem a muitos paradigmas fascinantes.

Platão fala-nos da tripartição da alma, os Gnósticos evocam o espírito transcendental "incrustado", Sto. Agostinho descreve "a escuridão escondida dentro si", Descartes (1596-1650) ficou conhecido por defender o dualismo, Kant (1724-1804) afirma que "a razão pura postula a imortalidade da alma"⁴, Freud (1856-1939), o pai da psicanálise, considera que a psique tem três componentes: o *id*, o *ego* e o *super-ego* e Melanie Klein (1882-1960), a pioneira da psicanálise infantil, fala a esse propósito daquilo que designa como o caleidoscópico "caos interior"⁵.

Relativamente à etimologia da palavra alma, sabemos que o termo deriva do hebraico *nephesh*, que significa vida ou criatura, e também do latim *animu*, que designa "o que anima". Iremos também referir brevemente aquilo que "alma" significava para os falantes de Grego clássico e o que então pensavam e associavam com esse conceito. Em Grego antigo, a palavra normalmente utilizada para designar alma era *Pneuma* (πνεῦμα) que se pode traduzir como "respiração" e, num contexto religioso, "espírito" ou "alma". Tem ainda vários significados mais técnicos na medicina e na filosofia. É também usada em traduções gregas da Bíblia hebraica e no Novo Testamento em Grego⁶.

Pneuma designava a força criadora e distingue-se de *psyche* (ψυχή), que significava originalmente o "sopro", que vivificava todas as coisas. É traduzida com frequência como "espírito" e ainda mais como "alma". No início, representava um vento ou respiração elementar, vital e dinâmica. Esse sopro tinha um poder efectivo mas pertencia ao reino da natureza. Referia-se a qualquer tipo de vento desde uma brisa ligeira a uma tempestade ou vapor mortífero. Correspondia ao vento nas pessoas e nos animais assim como à respiração que eles inalavam e

⁴ Ver a tradução portuguesa de *Kritik der reinen Vernunft*, (1781) intitulada *Crítica da Razão Pura*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

⁵ Juliet Mitchell (Ed.), *The Selected Melanie Klein*, London: Simon & Schuster, 1987.

⁶ A este propósito, ver *Gaudium Sciendi*, Nº 3, Janeiro de 2013, cujo tema é "A Transversalidade Linguístico-Cultural da Bíblia", em que são analisadas várias versões da Bíblia, tais como a hebraica, as alemãs, as portuguesas e a *King James Version*.

exalavam. Era vida, visto que respiração era sinal de vitalidade, e era alma, já que a sua força anímica desaparecia quando a respiração acabava. Do ponto de vista filosófico, pneuma era "ar em movimento, respiração, vento" e, segundo o filósofo grego pré-socrático Anaxímenes de Mileto (585-528 a. C.), era equivalente a *aer* (ar), o elemento do qual ele considerava que tudo no universo era originário.

Quanto à terminologia da medicina, o Pneuma, ou sopro de vida, era inicialmente extraído do ar que respiramos pelos pulmões, sendo daí levado para o coração e designado como *Pneuma zoticon*, ou Força Vital, e depois transformado no fígado em *Pneuma physicon* ou Força Natural. Esta era então diferenciada nos quatro Humores: o sangue, com a virtude atractiva; a bÍlis ou humor colérico, a bÍlis negra ou humor melancólico e o humor fleumático. Por seu lado, a Força Vital transformava-se em *Pneuma psychicon*, ou Força Psíquica, que tinha os atributos da inteligência e da consciência. Sendo a forma básica de pneuma, a Força Vital era usada para gerar uma nova vida. A doutrina das três formas de Pneuma foi desenvolvida por Galeno (130-200 d. C.) como um complemento da sua teoria das quatro faculdades que enfatizava a concepção por um único criador, vindo assim a ser aceite, mais tarde, tanto por estudiosos cristãos como muçulmanos. Para este famoso médico grego, o princípio fundamental da vida era o pneuma, que mais tarde veio a ser ligado à alma. Como pode ver-se na edição francesa feita a partir dos textos originais manuscritos em Grego, Árabe e Latim⁷, Galeno debruça-se sobre o tema da Alma ao longo de toda a sua obra e dedica-lhe até, como ele próprio nos diz, um opúsculo intitulado "Sur la nature de l'âme d'après Asclépios"⁸ e vários capítulos, tais como: "Des Habitudes - Des Moeurs de l'Âme"⁹, em que fala de Aristóteles e de Platão, "Des Passions de l'Âme"¹⁰ e "Des Erreurs de l'âme"¹¹.

⁷ Galien – *Epitome en Quatre Parties*, Paris: Union Latine d'Éditions, 1962.

⁸ "Sur mes propres livres", *Idem, ibidem*, Livre Premier, p. 19.

⁹ *Idem, ibidem*, Livre Troisième, p. 271-306.

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 309-336.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 339-363.

Faz igualmente referências à alma em "Commentaires du *Timée* de Platon"¹² e em "Sur la *République* de Platon"¹³.

Segundo a doutrina teológica, no início da era cristã, o pneuma correspondia a um espírito etéreo, o Espírito Santo, uma força cuja acção era a causa da vida e que actuava no mundo, fazendo a vontade de Deus.

Ao considerar a história evolutiva do conceito, pode concluir-se que, na Antiguidade, surgiram duas vertentes principais relativamente à compreensão da natureza da alma: a idealista e a materialista. Sócrates e Platão são os defensores da primeira corrente, afirmando que a alma era o início da imortalidade, uma partícula de um mundo de paz e de ideias absolutas, enquanto o corpo estava sujeito à corrupção. Para Sócrates, as almas de todos os homens são imortais mas as dos homens justos são imortais e divinas.

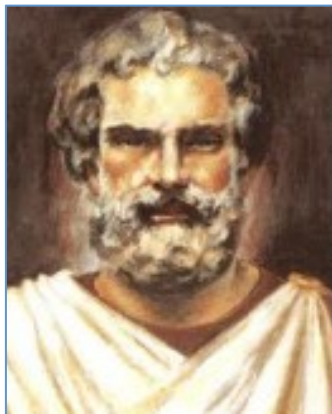
Por seu lado, os Estóicos, como Demócrito, Anaxágoras e Anaxímenes, seguem a direcção materialista, sendo a sua ideia central que a alma era material, sendo composta de átomos de diferentes substâncias. Para os pré-socráticos, como o já referido filósofo grego Anaxímenes de Mileto (525-585 a. C.)¹⁴, o ar, "infinito e incorruptível e de natureza divina", por um processo de condensação, transformava-se em objectos líquidos e sólidos (pedras, metais, terra, água) e pelo processo de rarefacção, em gases, ventos, oxigénio e fogo. Anaxímenes afirmava também que "tal como a nossa alma (*psyche*) que, sendo ar (*aer*), nos mantém unidos, do mesmo modo a respiração (*pneuma*) e o ar (*aer*) dão vida a todo o universo." Verifica-se, assim, que, nesta acepção, *aer* and *pneuma* eram sinónimos, correspondendo esta referência ao primeiro uso do termo em filosofia.

¹² *Idem, ibidem*, Livre Second, p. 67-110

¹³ *Idem, ibidem*, Livre Second, p. 113.

¹⁴ Apenas chegaram até nós escassos fragmentos da obra de Anaxímenes. Ver Hermann Diels-Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, Berlin, 1959 [¹1903].

Aristóteles (384-322 a. C.), que já foi considerado o fundador da psicologia, na sua obra *De Anima* (Περὶ Ψυχῆς) faz um resumo do conhecimento da época sobre o tema, tendo identificado três tipos de alma: a vegetativa, a nutritiva e a racional.



Aristóteles

Esta teoria foi dominante na psicologia até ao século XIX e pode concluir-se que o seu objecto de estudo era a alma embora, posteriormente, o foco da análise tenha passado a ser designado como "consciência", que se entendia como a capacidade humana de sentir, recordar e pensar. Descartes teve um papel importante nesta mudança do tema central da psicologia, tendo sido ele o primeiro que enfatizou a relação do corpo com a alma assim como o conceito de consciência e de reflexo.



Descartes (1596 – 1650)

O principal método para estudar a consciência, que veio posteriormente a ser designado como introspecção, foi desenvolvido no século XVII por John Locke (1632-1704), o grande pensador do Iluminismo.

No século XIX, Wilhelm Wundt (1832-1920) foi o fundador e o pioneiro do uso da psicologia experimental para estudar a estrutura da consciência, tendo a sua abordagem sido denominada estruturalismo. Nos Estados Unidos, William James (1842-1910) deu uma nova direcção ao estudo das funções da consciência e, mais tarde, devido às teorias de John B. Watson (1878-1958), surgiu o behaviorismo passando a psicologia a estudar o comportamento resultante de respostas a estímulos. Com Sigmund Freud, o tema passa a ser a psique e a relação entre a consciência e a inconsciência.

No século XX, o estudo da estrutura da "psique" – a palavra ambígua que começara por significar sopro e uma das características da vida, passando depois a ser utilizada como sinónimo de "alma" – progrediu com Carl G. Jung (1875-1961), que desenvolveu uma teoria do inconsciente colectivo e dos arquétipos, por ele designados como *Persona* e *Sombra*, *Anima* e *Animus* e *Eu*. Progrediu também devido à psicologia analítica que Alfred Adler (1870-1937) implementou.

As teorias filosóficas antigas reflectem, em muitos aspectos, modos de falar e de ponderar sobre a alma que não são especificamente filosóficos ou teóricos. O significado da palavra "alma" para os Gregos corresponde à *Ruilo* que seria natural pensarem e associarem com o conceito na sua época. Homero nos seus poemas usa a palavra "alma" com dois sentidos distintos e provavelmente relacionados. Por um lado, era algo que um ser humano arriscava na batalha e perdia ao morrer. Por outro, era aquilo que, na altura da morte, saía da pessoa e viajava para o mundo subterrâneo, onde, depois de morrer, tinha uma vida mais ou menos desafortunada como uma sombra ou imagem do morto. Alguns estudiosos sugerem que aquilo que é referido como alma em qualquer dos casos é,

na verdade, uma e a mesma coisa, algo que uma pessoa pode arriscar e perder e que, após a morte, perdura como uma sombra.

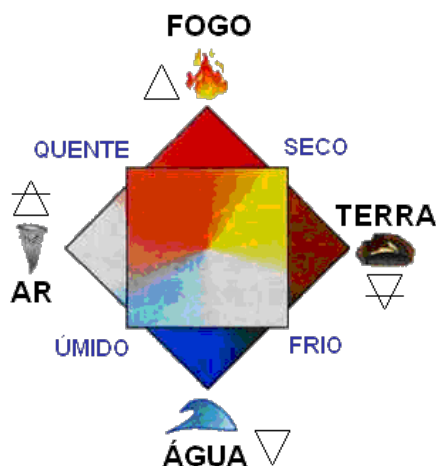
Reportando-nos seguidamente aos pensadores pré-socráticos e às teorias de Platão (427-347 a. C.) enunciadas em *Πολιτεία, A República*, e sobretudo no diálogo *Phaedo*¹⁵ (*Φαίδων*) no qual relata as discussões de Sócrates com os seus discípulos acerca da alma e da sua pré-existência em relação ao corpo, Platão desenvolveu a teoria da Metempsicose, que pressupõe a imortalidade da alma e as suas sucessivas reencarnações. Neste famoso diálogo socrático - que, devido ao conteúdo, era designado pelos seus inúmeros leitores e comentadores como "o diálogo sobre a alma" - Platão caracteriza a alma sobretudo pelos seus atributos cognitivos e intelectuais e pelas virtudes morais, como a coragem e a justiça¹⁶.

São igualmente de referir as teorias de Aristóteles (384-322 a. C.) descritas em *De Anima*, onde faz um relato completo de todos os aspectos da alma relacionando-os com todas as funções vitais, assim como as dos Estóicos, por serem das mais importantes e bem estruturadas doutrinas filosóficas antigas sobre este tema. Ao analisarmos estas teorias, constatamos um desenvolvimento em direcção a uma concepção mais alargada do conceito, de acordo com a qual a alma não era apenas responsável por funções mentais ou psicológicas, como o pensamento, a percepção e o desejo, mas era o portador e sustentáculo das qualidades morais e que, de algum modo, respondia por todas as funções essenciais que um organismo vivo realizava. Esta concepção mais ampla, que está claramente em contacto com uso vulgar da palavra naquela época, na Grécia, tem a sua mais completa articulação na teoria de Aristóteles.

¹⁵ Ver nota 3, p. 22.

¹⁶ Em *A República* Platão afirma que a justiça é a virtude da alma e que aquele cuja alma é justa é feliz. Podemos assim estabelecer uma relação entre este número e o Nº 4 da *Gaudium Sciendi* (Julho de 2013) que é temático e inteiramente dedicado a matérias relacionadas com a Justiça.

Segundo o investigador Grad Freudenthal¹⁷, uma das doutrinas centrais de Aristóteles é a teoria da substância material para a qual o conceito de calor é crucial. A sua teoria dos quatro elementos da matéria não é clara quanto ao surgimento e à persistência das substâncias materiais, havendo estudiosos que enfatizam a afirmação de Aristóteles de que a alma é a causa activa do aparecimento e da persistência dos seres vivos. O filósofo fala também dos conceitos de calor, especificamente do calor vital e de *connate pneuma*, sendo esta a sua teoria central para a compreensão da relação entre a matéria e a forma e o corpo e a alma. O "connate pneuma" de Aristóteles é o "ar" quente móvel que no espermatozoide transmite aos descendentes a capacidade de locomoção e certas sensações. Estes movimentos derivam da alma do progenitor e são incorporados pelo pneuma como uma substância material no sémen. O Pneuma é necessário para a vida - tal como na medicina o "calor vital" – mas, embora Aristóteles fosse médico, além de filósofo e matemático, a sua explicação não é precisa nem completa.



¹⁷ Grad Freudenthal, *Aristotle's Theory of Material Substance: Heat and Pneuma, Form and Soul*, Oxford: Clarendon Press, 1995; Oxford Scholarship Online, 2011. Esta obra chama a atenção para a ligação entre a biologia, a metafísica e a psicologia no pensamento de Aristóteles.

A corrente filosófica do estoicismo foi predominante na Antiguidade Clássica (300 a. C.-200 d. C.) e sobreviveu na cultura ocidental praticamente até aos nossos dias¹⁸. Os Estoicos tiveram grande influência no pensamento dos Padres da Igreja e ficaram famosos por defenderem a ideia de uma alma unitária em contraste com a alma bi- ou tri-partida de Platão e Aristóteles. De acordo com a filosofia estóica, o pneuma é o conceito do "sopro da vida", uma mistura dos elementos ar (em movimento) e fogo (calor). Os estoicos consideravam que o pneuma era o princípio gerador activo, que organizava tanto o ser humano como o mundo. Na sua forma mais elevada, o pneuma constituía a alma humana (psy chê), que era um fragmento do pneuma de Deus, isto é, da alma divina.

A palavra "alma" teve uma notável expansão semântica no sexto e quinto séculos a. C. e, no final do V século, época da morte de Sócrates. Falava-se e pensava-se sobre a alma como sendo a marca distintiva dos seres vivos, algo que era o sujeito de estados emocionais assim como o responsável por planeamento e por uma forma de pensar adequada. Era também considerada como detentora de virtudes como a coragem e a justiça. Desenvolvimentos filosóficos posteriores, evidentes nas obras de Plotino e de outros Platonistas, assim como nas dos Padres da Igreja, analisam-se melhor tendo como pano de fundo estas teorias clássicas das quais em grande parte derivam.

Por outro lado, entre os povos antigos, tanto os Egípcios como os Chineses tinham a concepção de uma alma dupla ou dividida. Os Egípcios e muitas tribos africanas acreditavam em dois factores, o *Ka* e o *Ba* e, geralmente, não consideravam que a alma fosse preexistente, mas apenas o espírito. Os antigos habitantes das terras que circundam o vale do Nilo acreditavam que todo indivíduo tinha recebido à nascença, ou pouco depois, um espírito protector a que chamavam *ka*. Ensinavam também que esse espírito-guardião permanecia com o

¹⁸ É de referir, entre outros autores, a influência do Estoicismo no pensamento de Friedrich Nietzsche como é evidente nas suas referências a *Amor Fati* (276) e famosa afirmação "Deus está morto" (108) em *Die fröhliche Wissenschaft* (1882).

sujeito ao longo da vida e que passava, antes dele, para o estado futuro. Nas paredes de um templo em Luxor, onde está ilustrado o nascimento de Amenófis III, o pequeno príncipe está retratado nos braços do deus do Nilo e, próximo dele, está outra criança, idêntica ao príncipe na aparência, que é o símbolo da referida entidade e a que os Egípcios chamavam *ka*. É de notar que esta representação foi realizada 1500 anos antes de Cristo.

Julgavam que o *ka* era um génio de espírito superior, que pretendia guiar o mortal que a ele estava ligado por caminhos melhores na vida temporal; porém, aquilo que ele sobretudo desejava era influenciar a sorte do sujeito humano na próxima vida. Quando um Egípcio desse período morria, pensava-se que o seu *ka* estaria à espera dele do outro lado do Grande Rio. A princípio, supunha-se que apenas os reis tivessem *kas*, mas acabou por se acreditar que todos os homens rectos e justos os possuíam.



Os Egípcios acreditavam que a alma humana era constituída por cinco partes: *Ren*, *Ba*, *Ka*, *Sheut* e *Ib*. Além destes componentes da alma, havia o corpo chamado *ha*, que, por vezes, era referido no plural *haw*, com o significado de conjunto das suas diferentes partes. As outras almas eram designadas como *aakhu*, *khaibut*, e *khat*. O *ka* (respiração) egípcio sobrevivia à morte mas permanecia junto do corpo, enquanto o *ba*, que era espiritual, prosseguia para a região dos mortos. *Ba* era tudo aquilo que tornava um ser único, sendo, de certo modo, semelhante à noção de personalidade. Neste sentido, os objectos inanimados também tinham um *Ba*, um carácter único, como se verifica pelo facto de as pirâmides serem frequentemente designadas como o *Ba* dos seus ocupantes. O *Ba* seria, portanto, o aspecto de uma pessoa que os Egípcios acreditavam que

viveria depois de o corpo ter morrido e era, por vezes, representado como um pássaro com cabeça humana que voava para fora do túmulo para se juntar com o *Ka* depois da morte.

Os Chineses distinguiam entre uma alma inferior e sensível, designada como *po*, que desaparecia com a morte, e um princípio racional, o *hun*, com funções superiores, que sobrevivia ao falecimento e era objecto de adoração. A morte resultava da separação destes dois tipos de alma e, segundo o Daoísmo¹⁹, se se cumprissem os rituais do funeral e os sacrifícios, as almas *hun* da sua morada celestial enviariam bênçãos à família. Reconheciam, contudo, dois aspectos num ser humano, o *yang* e o *yin*, a alma e o espírito. Ao considerarmos o conceito de alma (*ling-hun*) na religião popular chinesa, vemos que essa ideia é fulcral, pelo menos, por três razões. Primeiro, porque a ideia de *ling-hun* está subjacente à maioria das noções de seres sobrenaturais, que os crentes consideram serem originários das "almas" dos mortos. Deuses ou *shen* são as "almas" de pessoas muito poderosas ou meritórias, os antepassados, ou *tsu-hsien*, são "almas" dos nossos próprios ascendentes de linhagem masculina e os fantasmas, ou *kuei*, são as "almas" daqueles que morreram de morte violenta ou que não têm descendentes para os venerarem como progenitores.

Em segundo lugar, a perda da "alma" de alguém é uma explicação muito vulgar para muitos tipos de doenças e aberrações, tanto mentais como físicas que são analisadas e tratadas pela "medicina sagrada" chinesa, havendo muitas curas que se concentram justamente na recuperação da "alma". Por último, é vulgar entre os curandeiros populares no Sul da China estarem em transe, facto que, geralmente, explicam como sendo uma "viagem da alma" ou possessão do espírito.

¹⁹ Daoísmo ou taoísmo é uma tradição filosófica e religiosa chinesa que recomenda que se viva em harmonia com Tao, o princípio que consideram ser a fonte e força motriz por trás de tudo aquilo que existe.

Também os hindus se debruçaram sobre o tema da alma e conceberam aquilo que designaram como *atman*. Os mestres hindus aproximaram-se de uma avaliação da natureza e da presença de um espírito, mas pode considerar-se que falharam quando não distinguiram a co-presença da alma em evolução e potencialmente imortal. *Atma* ou *Atman* (laura1932: आत्म) é o termo filosófico do hinduísmo (especificamente do Vedanta²⁰) usado para identificar a alma individual ou o "verdadeiro eu", traduzido como "Eu" com maiúscula, para dar um carácter divino à alma individual. Segundo o *Advaita Vedanta*²¹, o "atma" é idêntico ao Absoluto, ou Braman, que é tudo o que existe e nada pode existir além dele. É, portanto, a Verdade Absoluta, ou a Realidade Suprema, que envolve, absorve e harmoniza todos os conceitos duais e está para além da identificação com a realidade da existência neste mundo.

Os antigos Hebreus tinham um conceito de alma mas, aparentemente, não a separavam do corpo, embora depois os Judeus viessem a desenvolver mais essa ideia. As referências bíblicas à alma estão relacionadas com o conceito de "sopro" e não estabelecem distinção entre a alma etérea e o corpo.

Relativamente aos conceitos cristãos da dicotomia entre corpo e alma, esta noção teve a sua origem no tempo dos antigos Gregos e foi introduzida na teologia cristã desde muito cedo por S. Gregório de Nisa (335-394 d. C.) e por Sto. Agostinho (354-430 d. C.).

²⁰ A palavra Vedanta deriva de *Vedas* – os livros sagrados da antiga Índia" e de "anta - final", ou seja, a culminação dos *Vedas*, a sua parte final e mais avançada. Pode considerar-se também a associação de textos complementares "ao final" do corpo principal dos *Vedas*, que são as *Upanishads*.

²¹ Advaita Vedanta é uma das três escolas de Vedanta do pensamento monista hindu.



Sto. Agostinho (1580)-Fresco de Boticelli

Os conceitos de alma dos antigos Gregos, como acima referido, variavam consideravelmente de acordo com a época e a escola filosófica. Os Epicuristas consideravam a alma como sendo feita de átomos tal como o corpo. Para aqueles que seguiam a escola de Platão, a alma era uma substância imaterial e incorpórea, semelhante aos deuses mas que, apesar disso, fazia parte do mundo da mudança e da transformação. A concepção de alma de Aristóteles pode considerar-se algo obscura, embora ele declarasse que tinha uma forma inseparável do corpo.

De acordo com o uso judaico e cristão, *pneuma* é a palavra corrente para "espírito" como podemos ver na Septuaginta²² e no Novo Testamento. No Evangelho segundo S. João 3:5 lê-se: "Jesus respondeu: 'Eu te garanto: ninguém pode entrar no Reino de Deus se não nasce da água e do Espírito.'" ²³, correspondendo espírito á palavra grega *pneuma*.

Na teologia católica, para Sto. Agostinho, o homem é uma alma que usa um corpo; ou, uma alma racional, que se serve de um corpo terrestre e mortal; ou,

²² Septuaginta é o nome de uma tradução da Torah para Grego, feita no século III a. C.. O título deriva do facto de a versão ter sido feita por 72 rabinos que, segundo a lenda, teriam completado o trabalho em 72 dias. A Septuaginta serviu de base a diversas traduções da Bíblia. V. Nota 6, p. 24.

²³ Todas as citações bíblicas feitas neste Editorial são da edição portuguesa da *Bíblia Sagrada* (Edição Pastoral), S. Paulo: Paulus Editora, 2009 [¹1993]

"uma alma racional que tem um corpo". Ao lermos a sua obra *De Civitate Dei*²⁴ – tão justamente considerada como um dos livros fundamentais da história da cultura e da filosofia do Ocidente - podemos concluir que ele pensava que o homem era a alma. E, a esse propósito, afirmava: "Porque o homem não é só corpo ou apenas alma, mas é constituído por uma alma e um corpo. Esta é a verdade: a alma não é todo o homem, mas é a melhor parte do homem; nem todo o homem é o corpo, mas a porção inferior do homem; quando as duas estão juntas, temos o homem". O corpo é matéria, criação de Deus, e por isso, bom. Não é o cárcere nem o túmulo da alma: "Não é o corpo o teu cárcere, mas a corrupção do teu corpo. O teu corpo, Deus o fez bom, porque Ele é bom". Também a este propósito poderíamos multiplicar as citações: "Todo aquele que quer eliminar o corpo da natureza humana desvaira". E de forma inequívoca, numa obra tardia, o *Sermão 267* declarava: "Perversa e humana filosofia é a dos que negam a ressurreição do corpo. Alardeiam serem grandes depreciadores do corpo, porque crêem que nele estão encarceradas as suas almas, por delitos cometidos em outro lugar. Porém, o nosso Deus fez o corpo e o espírito; de ambos é o criador; de ambos o recriador". Sto. Agostinho falava da alma como um "cavaleiro" do corpo, deixando bem clara a separação entre o material e o imaterial, representando a alma a "verdadeira" pessoa. Contudo, embora o corpo e a alma estivessem separados, não era possível pensar numa alma sem o seu corpo.

Uma das áreas relevantes da crítica agustiniana ao platonismo é justamente a relativa à alma. Para além de recusar a conotação de Deus com uma alma universal, Sto. Agostinho rejeita algumas doutrinas platónicas sobre as almas humanas, tais como: a transmigração, a reencarnação, a pré-existência das almas à sua união com os corpos e a imortalidade da alma separada do corpo, que, para o autor de *A Cidade de Deus*, é uma doutrina incongruente com a escatologia da

²⁴ Ver a excelente tradução portuguesa da obra de Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, com prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira, vols. I e II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

ressurreição. É neste domínio da filosofia da alma que Sto. Agostinho mais se afasta de posições que assumira em obras anteriores afirmando que a morte física significa a separação da alma do corpo e que uma morte moral traduz a separação da alma de Deus.

Na Idade Média, S. Tomás de Aquino (1225-1274), o conhecido autor da *Summa Theologiæ*, retomou o conceito de alma dos filósofos gregos, vendo-a como um princípio motivador do corpo, que, embora independente, necessitava da substância do corpo para constituir um ser humano.

A partir da Idade Média, o tema da existência e da natureza da alma e da sua relação com o corpo continuou a ser discutido pelos filósofos. René Descartes foi um dos primeiros a abandonar o aristotelismo e apresentou a principal versão moderna do dualismo metafísico que distingue radicalmente entre mente – cuja essência é pensar – e corpo ou matéria, cuja essência é a extensão em três dimensões. Por ter promovido o desenvolvimento da chamada "nova ciência", baseada na observação e na experimentação, é frequentemente designado como o pai da filosofia moderna. Para este filósofo e matemático, o homem era a união do corpo e da alma, sendo cada um deles uma substância distinta que actuava sobre a outra e a alma equivalente à mente. Ao aplicar o seu sistema original da dúvida metódica, não considerava o conhecimento aparente derivado da autoridade, dos sentidos e da razão e veio a criar novas bases epistémicas baseadas na intuição de que se existe quando se pensa, tal como declara na sua famosa afirmação: "Cogito, ergo sum".

Segundo Spinoza (1632-77), o racionalista da filosofia do século XVII, a alma e o corpo eram dois aspectos de uma única realidade. Por seu lado, Kant considerava que a alma não era demonstrável pela razão, embora a mente chegasse inevitavelmente à conclusão de que a alma existia porque tal dedução era necessária para o desenvolvimento da ética e da religião. No início do século

XX, William James (1842-1910), o médico e filósofo americano, afirmava que alma não existia pois era apenas uma colecção de fenómenos psíquicos.

De toda esta ideologia vieram, posteriormente, a desenvolver-se - incrementando as raízes de que derivavam - os actuais conceitos de alma, que foram a base de muitas religiões, cujos seguidores acreditam possuir almas, ou serem acompanhados por elas e mesmo até serem eles próprios as almas.



Antes de terminar estas reflexões, iremos, tal como é tradicional nos Editoriais, fazer algumas referências à estrutura deste número da *Gaudium Sciendi* que está dividido em duas partes, sendo a primeira constituída por Informações sobre a revista e a segunda, além do Editorial, por artigos subordinados ao tema "O Conceito de Alma: Do Antigo Egipto ao Nosso Tempo de *Matrix*".

Este tópico foi-nos sugerido por Gerald Bär, que, em Novembro 2013, participou, na Universidade Aberta, num Colóquio ali organizado com o mesmo título. Seguindo a sua sugestão, neste 6º número da revista procurámos analisar de uma perspectiva intercultural e transdisciplinar vários conceitos e representações de alma desde a Antiguidade até aos nossos dias e debater aspectos da espiritualidade através de diversas abordagens complementares.

Tal como podemos ler nos excelentes artigos de Molefi Kete Asante, José Candeias Sales e Ana Maria Monteiro Ferreira, de acordo com a visão egípcia da natureza humana, o Homem era concebido como a combinação de vários elementos mortais e imortais, corpóreos e anímicos, que marcavam o ciclo da existência humana no Aquém e no Além. A funcionalidade ou disfuncionalidade destes elementos ou a sua separação ou justaposição explicavam todos os grandes momentos da vida do indivíduo: a concepção, o nascimento, a morte, a mumificação, a ressurreição, a vida eterna. Esta percepção tem, portanto, enorme impacto no estudo do imaginário do antigo povo egípcio e é indissociável das suas

representações sobre a vida, a morte, os seus costumes fúnebres, a imortalidade e a sua relação com o Cosmos.

O brilhante texto de Ana Paula Machado leva-nos a considerar como em culturas essencialmente orais e de cariz xamânico, como as dos Índios norte-americanos, se torna difícil abordar um tema que, entre nós, ocidentais, assume um pendor marcadamente filosófico e religioso, enquanto entre os indígenas nativos daquele continente, se caracteriza por uma vivência espiritual individual, pela diversidade e por uma aparente heterogeneidade.

No cinema, a iconografia da alma não depende apenas das suas várias representações nas tradições religiosas, artísticas e literárias, mas também das técnicas cinematográficas. Desde o seu surgimento, a fotografia e o filme estavam sob suspeita de captar as almas das pessoas que representavam ao projectarem a sua essência espiritual no ecrã, tal como nos diz Gerald Bär no artigo intitulado "Representações Cinematográficas da Alma de Méliès a *Matrix*".

János Jany interroga-se se a lei pode salvar uma alma e, no seu magistral ensaio, foca a importância do conceito no sistema religioso e na vida quotidiana daqueles que seguem o Zoroastrismo, a religião iraniana estabelecida pelo profeta Zaratrusta, que mais tarde veio a influenciar cultos como o Judaísmo, o Gnosticismo e o Islamismo.

No âmbito da literatura, são obviamente inúmeros os autores que, em todas as épocas, se interessaram pelo conceito de alma. Como seria de esperar, tanto a literatura mundial do passado como a do presente dão expressão a este fenómeno do imaginário colectivo pois encontramos referências a símbolos e conceitos de alma, em obras de autores tão diferentes - tal como nos refere Luís Carlos Pimenta Gonçalves no seu artigo - como o famoso romancista russo Nikolai Gogol (1809-1852), em *Almas Mortas* (*Мёртвые души*, 1842) e o francês Jean Giono (1895-1970), o autor de *Les âmes fortes* (1950), a obra que, em 2001, deu origem a um filme com o mesmo título de Raoul Ruiz. Carlos Castilho Pais

demonstra que o tema também é tratado na poesia portuguesa contemporânea como se vê na obra de José Agostinho Baptista intitulada *Agora e na Hora da Nossa Morte*.

Maria Isabel Roque deu-nos o gosto de enriquecer o conteúdo deste número da *Gaudium Sciendi* não apenas com as suas sábias reflexões sobre o tema central mas também com uma primorosa colectânea de representações da alma na iconografia cristã.

Na campo da literatura de expressão inglesa, Ana Antunes Simão debruça-se sobre a obra de Iris Murdoch, a escritora e filósofa irlandesa interessada em criar um código moral que orientasse a nossa sociedade e Maria Laura Bettencourt Pires encerra a secção de artigos lembrando que, no nosso mundo materialista e vazio de orientação ética, necessitamos de ler os poetas românticos William Blake e John Keats que nos podem ajudar a ver a beleza em todas as coisas.

Concluo este Editorial, esperando que o tema tratado nos artigos deste número da *Gaudium Sciendi* possa, de algum modo, contribuir para incentivar os nossos leitores - nesta era de "liquid modernity", como a designou Zygmunt Bauman, em que tanto se sente a falta de um código deontológico e de raízes culturais 'sólidas' e estáveis - a reflectirem sobre "a essência imortal" ou o conceito de alma. Lembro a esse propósito que Sócrates, segundo Platão em *A Apologia*, exortava os seus ouvintes a se preocuparem sobretudo com questões relacionadas com a alma pois os assuntos do corpo dependiam dessa preocupação.

Maria Laura Bettencourt Pires

Referências bibliográficas

Bremmer, J., *The Early Greek Concept of the Soul*, Princeton: Princeton University Press, 1983.

	EDITORIAL	Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica
---	------------------	---

Burnet, J., "The Socratic doctrine of the soul", *Proceedings of the British Academy*, 1916, 7: 235–59.

Claus, D., *Toward the Soul*, New Haven: Yale University Press, 1981.

Lorenz, H., "Plato on the Soul", *apud The Oxford Handbook of Plato*, G. Fine (ed.), Oxford: Oxford University Press, 2008.

Freudenthal, Grad, *Aristotle's Theory of Material Substance: Heat and Pneuma, Form and Soul*, Oxford: Clarendon Press, 1995; Oxford Scholarship Online, 2011.

Nussbaum, M. C. & A. O. Rorty, (Eds.), *Essays on Aristotle's De Anima*, Oxford: Clarendon Press, 1992.

Snell, B., *Die Entdeckung des Geistes*, Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht; trad. inglesa *The Discovery of the Mind: The Greek Origins of European Thought*, Oxford: Blackwell, 1975.